

CRER PARA COMPREENDER

O chifre quebrado

O carneiro de dois chifres e o bode que não tocava o chão de Daniel 8, a corrida de Alexandre de 334 a 323 antes de Cristo, a tabuinha babilônica que anotou "o rei morreu" e a data do livro julgada pela língua, pelas cópias de Qumran, por um elogio que pula Daniel, por um nome escrito sem uma letra e pela prateleira em que os judeus o guardaram

D. G. DE SOUZA

HAC-S04-001

Antes de começar

Quem é quem

Neste fascículo

I	O rei morreu
II	O bode que não tocava o chão
III	Quebrado no auge
IV	O livro no banco dos réus
V	Silêncios, nomes e prateleiras
VI	O reino que fica de pé

Capítulo I

O rei morreu

Na Babilônia, os astrônomos do templo tinham um costume que durou séculos. Noite após noite, anotavam em tabuinhas de barro a posição da lua e dos planetas, as nuvens, a chuva, o preço da cevada e do vinho no mercado, e, de vez em quando, um acontecimento da cidade. Numa dessas tabuinhas, hoje no Museu Britânico, no mês de Aiaru do ano 14, dia 29, entre as observações do céu, há uma frase curta: "O rei morreu". Não dizem o nome. Pela reconstrução corrente do calendário, a noite cai entre 10 e 11 de junho de 323 antes de Cristo, e o rei era Alexandre, filho de Filipe, o Macedônio.[1]

Ele tinha 32 anos e 8 meses, diz o historiador Arriano, que escrevia a partir de testemunhas da campanha. Em onze anos, tinha atravessado o Helesponto, derrubado o império persa e passado do Danúbio ao Indo. Morreu na Babilônia, no auge da força.

Num livro hebraico, há um bode que corre do ocidente sobre a terra inteira sem tocar o chão, com um único chifre entre os olhos. Ele atropela um carneiro de dois chifres, cresce muitíssimo e, "quando estava forte", o chifre se quebra. O livro é Daniel. E o anjo que explica a visão dá o nome do bode: "o rei de Javã", isto é, da Grécia.

Uma visão em Susã

O capítulo 8 de Daniel começa com uma data e um lugar.



No ano três do reinado do rei Belsazar, uma visão me apareceu, a mim, Daniel, depois daquela que me tinha aparecido no princípio. E vi na visão; e aconteceu, quando eu via, que eu estava em Susã, a cidadela, que fica em Elão, a província; e vi na visão, e eu estava junto ao canal do Ulai.

DANIEL 8:1-2

Belsazar governava a Babilônia nos últimos anos do império babilônico, antes de 539. Susã, no sudoeste do atual Irã, ainda não era o que viria a ser: a residência dos reis persas, com o palácio de Dario I e os seus frisos de tijolo vidrado. O livro põe o vidente, ainda no tempo babilônico, no lugar que seria o coração do império do carneiro.



Guardas persas em tijolo vidrado, de lança em pé, no friso do palácio que Dario I construiu em Susã por volta de 510 antes de Cristo: a cidadela onde Daniel se vê na visão, junto ao canal do Ulai (Daniel 8:2). Friso dos arqueiros, palácio de Dario I, Susã, c. 510 a.C., Museu do Louvre, AOD 488; foto de Jastrow (domínio público).

Friso dos arqueiros, palácio de Dario I, Susã, c. 510 a.C., Museu do Louvre, AOD 488; foto de Jastrow (domínio público)

Há outro detalhe no começo do capítulo, que o leitor de tradução não vê. Daniel 8 volta ao hebraico. Desde 2:4 o livro estava em aramaico, a língua da chancelaria dos impérios, e o aramaico termina em 7:28 com a frase "até aqui o fim da palavra". A partir de 8:1, e até o fim do livro, o texto é hebraico de novo. Essa troca de língua vai servir de prova mais adiante, no julgamento da data.

O carneiro de dois chifres

O primeiro animal está de pé diante do canal.

> *Levantei os meus olhos e vi: eis um carneiro, um só, de pé diante do canal. Tinha dois chifres, e os chifres eram altos, e um era mais alto que o outro, e o mais alto subiu por último. Vi o carneiro dando chifradas para o mar, para o norte e para o sul. Nenhum animal ficava de pé diante dele, e não havia quem livrasse da sua mão. Fazia conforme a sua vontade e se engrandecia.*
>
> DANIEL 8:3-4

"Para o mar" é, no hebraico, o oeste. O carneiro dá chifradas para três lados e nenhuma para o leste, porque é do leste que ele vem. E o anjo dirá, adiante,

quem ele é: "o carneiro que viste, o dono dos dois chifres: os reis da Média e da Pérsia" (8:20). Um carneiro só, com dois chifres. A Bíblia junta os dois povos num animal.

A história conhecida combina com o chifre que "subiu por último" e ficou mais alto. Os medos governaram primeiro a Ásia acima do rio Hális, por 128 anos, diz Heródoto; os persas, que eram vassalos deles, cresceram depois. Uma crônica babilônica do reinado de Nabonido conta que, no sexto ano do rei, em 550/549, Astíages, rei dos medos, marchou contra Ciro, rei de Anšan, e "o exército se rebelou contra Astíages", que foi preso e entregue a Ciro; Ciro foi a Ecbátana, a cidade real dos medos, e levou de lá o despojo. O historiador grego Heródoto conta a mesma virada com outra cor.



"Os medos, sem culpa, se tornaram escravos em vez de senhores, e os persas, que antes eram escravos dos medos, agora se tornaram senhores."

Heródoto, *Histórias* 1.129.4

É Hárpago, nobre medo, falando ao rei deposto. E Heródoto acrescenta que, desde então, "os persas e Ciro" governaram a Ásia.[2] O chifre mais novo passou o mais velho. Os medos não desapareceram: continuaram nos altos cargos da corte persa, e por isso o livro de Daniel fala da "lei dos medos e persas" (6:9) e o livro de Ester, dos "persas e medos" (Ester 1:19). Os rabinos medievais liam assim o versículo: Rashi diz que o chifre mais alto é a Pérsia, e Ibn Ezra, que os dois chifres são "Média e Pérsia".



No alto, sob o título que anuncia a visão, o carneiro e o bode se chocam, chifre contra chifre; embaixo, uma figura à janela de um edifício de torres, a cidadela de Susã, e o bode sozinho junto a uma palmeira. Os iluminadores espanhóis do século X copiavam Daniel junto do comentário

de Jerônimo. Ende e Emeterius, 975, Beato de Girona, Tesouro da Catedral de Girona (domínio público).

Ende e Emeterius, 975, Beato de Girona, Tesouro da Catedral de Girona (domínio público)

Há quem procure uma razão para o carneiro representar a Pérsia, e a busca tem uma pista falsa conhecida. O historiador romano Amiano Marcelino conta que um rei persa, no cerco de Amida, ia à frente das tropas "levando em vez de diadema uma figura de ouro de cabeça de carneiro". O texto existe, mas o rei é Sapor II, da dinastia sassânida, e o cerco é de 359 depois de Cristo, quase nove séculos depois de Dario III. É curiosidade, não prova. Outros comentaristas lembram uma geografia astrológica helenística que punha a Pérsia sob o signo do Carneiro; a fonte não foi conferida para este fascículo.[3] A chave do carneiro está no próprio texto: o anjo a dá.

Os animais do altar

Antes de seguir, um detalhe de vocabulário. O "bode das cabras", *tsefir ha-izzim*, é a mesma expressão que o livro das Crônicas usa para os animais que Ezequias ofereceu na purificação do Templo: "sete carneiros [...] e sete bodes das cabras como oferta pelo pecado, pelo reino, pelo santuário e por Judá" (2 Crônicas 29:21). O carneiro e o bode são animais de rebanho e de altar. Na visão, os animais do santuário viraram impérios que se chifram. Se o autor quis lembrar o sacrifício, não se pode demonstrar; o vocabulário está lá.[4]

Javã

Yawan, em hebraico, é o nome dos jônios, os gregos da costa da Ásia Menor, e, por extensão, de todos os gregos. Na Tabela das Nações, Javã é filho de Jafé e irmão de Madai, a Média (Gênesis 10:2). Em Daniel 8:21, Javã aparece pela primeira vez na Bíblia como reino. As duas Bíblias gregas antigas traduzem "rei dos helenos".

A pergunta deste fascículo

Daniel 8 é o único lugar do livro em que os animais recebem nomes de povos. Média e Pérsia, Javã: está escrito. Por isso a identificação do bode com o reino grego não depende de nenhuma escola de leitura. O que se discute é quando o texto foi escrito. Se o livro é do século VI antes de Cristo, como se apresenta, a visão é uns dois séculos anterior a Alexandre. Se a forma final do livro é de 167 a 164 antes de Cristo, como pensa a maioria dos estudiosos críticos, o texto é uns 160 anos posterior a ele.

O episódio sobre Antíoco IV já contou como o filósofo Porfírio, no século III, disse que Daniel foi escrito no tempo de Antíoco, e como Jerônimo lhe respondeu; e o episódio sobre a abominação da desolação deixou a data sem decidir. Este fascículo não reconta essa briga nem decide agora. Faz duas coisas que os outros não fizeram: põe o bode de Daniel ao lado do Alexandre dos historiadores, e examina a data por provas que ainda não apareceram neste livro: a língua, as cópias de Qumran, o silêncio de Ben Sira, o Danel de Ezequiel, o lugar de Daniel na Bíblia hebraica e a questão dos quatro reinos.[5]

---

1. Diário astronômico BM 45962 (Museu Britânico, 1881,0706.403), lido em tradução (Livius.org); a correspondência com 10/11 de junho de 323 segue a reconstrução de L. Depuydt, corrente, não refeita. Arriano, *Anábase* 7.28.1, no grego de A. G. Roos (PerseusDL). Plutarco, *Alexandre* 75.4 e 76, dá o dia do mês macedônio Désio de dois modos.
2. Crônica de Nabonido (ABC 7), col. ii 1-4, na tradução inglesa de A. K. Grayson (Livius.org); o acádio não foi conferido. Heródoto 1.129.4 e 1.130.1-2, no grego de Hude (PerseusDL). Daniel 6:9, 13, 16; Ester 1:19. Rashi e Ibn Ezra sobre Daniel 8:3, na Sefaria.
3. Amiano Marcelino 19.1.3, no latim de Rolfe (PerseusDL). A geografia astrológica (Pérsia sob Áries) é citada por Montgomery e Collins a partir de Teucro de Babilônia, via F. Cumont (1909); não conferida.
4. 2 Crônicas 29:21; Esdras 6:17 e 8:35; Levítico 16:5, no hebraico da WLC. Daniel 8:21 junta as duas palavras hebraicas para bode, *tsafir* e *sa'ir*.
5. Fascículos *Antíoco IV Epifânio: o rei que tentou proibir o judaísmo?* (HAC-S02-001), sobre Daniel 8:9-12 e 23-25 e Jerônimo contra Porfírio, e *A abominação da desolação: de Antíoco a Jesus em Mateus 24* (HAC-S02-002), sobre a data "sem decidir". Daniel 8:9-14 e 8:23-25 não entram aqui.

Capítulo II

O bode que não tocava o chão

O texto hebraico da segunda metade da visão é curto e rápido, como o animal que descreve.

Daniel 8:5

וַאֲנִי הָיִיתִי מֵבִין וְהִנֵּה צְפִיר־הָעִזִּים בָּא מִן־הַמַּעֲרָב עַל־פְּנֵי כָל־הָאָרֶץ וְאֵין נוֹגֵעַ בָּאָרֶץ וְהַצָּפִיר קֶרֶן חָזוּת בֵּין עֵינָיו׃

"E eu estava procurando entender, e eis que um bode das cabras vinha do ocidente, sobre a face de toda a terra, e não tocava a terra. E o bode tinha um chifre vistoso entre os olhos."

"Chifre vistoso" traduz *qeren hazut*, literalmente "chifre de visão": um chifre que se vê de longe. Rashi explica: "um chifre grande à vista do olho". E "não tocava a terra" é imagem de velocidade. Ibn Ezra diz que o bode corria "como se voasse no ar, e de tanta corrida não parecia tocar a terra"; Calvino, no século XVI, que "antes voava do que andava". As duas Bíblias gregas antigas divergem num ponto curioso: a mais antiga diz que o bode vinha "do ocidente", como o hebraico; a de Teodocião, que a Igreja antiga lia em público, diz "do sudoeste", o vento que os gregos chamavam *Lips*. É curiosidade de tradutor, não argumento.[1]

A lança na praia

Na primavera de 334, Alexandre deixou a Macedônia e a Grécia nas mãos do general Antípatro e marchou para o Helesponto, o estreito que separa a Europa

da Ásia. Levava, segundo Arriano, "não muito mais de trinta mil" infantes e "acima de cinco mil" cavaleiros. Era pouco para conquistar um império que ia do Egito à Índia. Calvino notou que o texto de Daniel fala "não de números, mas do terror".

O historiador Diodoro, do século I antes de Cristo, guardou a cena da travessia. Com sessenta navios de guerra, Alexandre chegou à costa da Tróade e foi o primeiro dos macedônios a agir: do navio, lançou a lança e a cravou na terra, saltou para a praia e declarou que recebia dos deuses a Ásia "conquistada pela lança". O gesto é de Diodoro, e não de Arriano; se aconteceu assim, não se pode garantir.[2]

Uma advertência sobre as fontes, uma vez só. Nenhum historiador contemporâneo de Alexandre sobreviveu inteiro. Arriano escreveu no século II depois de Cristo, a partir de Ptolomeu e de Aristóbulo, que estiveram na campanha. Diodoro, Quinto Cúrcio e Plutarco escreveram entre o século I antes de Cristo e o começo do século II depois, com outras tradições. Os relatos que temos são de três a quatro séculos depois dos fatos. O livro de Daniel, em qualquer das duas datas que se discutem, é mais antigo que todos eles.

Do Grânico a Gaugamela

Pouco depois da travessia, no rio Grânico, Alexandre quase morreu. Um persa lhe partiu parte do capacete; outro, Espitridates, já tinha levantado a cimitarra contra ele por trás, quando Clito, filho de Drópides, o golpeou no ombro e lhe cortou o braço. Arriano diz que caíram, no primeiro choque, cerca de vinte e cinco dos "companheiros" do rei, e que Alexandre mandou Lisipo fazer estátuas de bronze deles. Os números baixos são da tradição favorável ao rei.

No inverno seguinte, em Górdio, havia um carro antigo amarrado com um nó de casca de corniso "de que não se via nem fim nem começo", e um oráculo dizia que quem o desatasse "devia reinar sobre a Ásia". Uns contam que Alexandre

cortou o nó com a espada; Aristóbulo diz que tirou a cavilha do timão. Arriano confessa: "como foi feito, não posso afirmar". Os gregos também liam sinais.[3]

Em Isso, no fim de 333, veio o primeiro encontro com o próprio rei persa, Dario III. Arriano é seco: Dario, quando viu a sua ala esquerda aterrorizada por Alexandre, "imediatamente, como estava, sobre o carro, fugiu". No acampamento ficaram a mãe dele, a mulher, que era também sua irmã, um filho ainda criança e duas filhas.



Alexandre, sem capacete, avança a cavalo pela esquerda e crava a lança num persa; no carro, à direita, Dario III se vira para trás e foge. É o bode que corre "no ardor da sua força" contra o carneiro (Daniel 8:6). Mosaico de Alexandre, Casa do Fauno, Pompeia, cópia romana de c. 100 a.C. de um original helenístico de c. 310 a.C., Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, inv. 10020 (domínio público).

Mosaico de Alexandre, Casa do Fauno, Pompeia, Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, inv. 10020 (domínio público)



Depois de Isso, a mãe, a mulher e as filhas de Dario se ajoelham na tenda diante de Alexandre e do seu amigo Heféstion. A família do rei persa capturada no acampamento (Arriano 2.11.9). Charles Le Brun, As rainhas da Pérsia aos pés de Alexandre, 1660-1661, Palácio de Versalhes (domínio público).

Charles Le Brun, 1660–1661, Palácio de Versalhes (domínio público)

Em Gaugamela, no norte da Mesopotâmia, Dario fugiu de novo. Arriano registra que a batalha aconteceu no mês ateniense de Pianépsion e que se cumpriu a predição do adivinho Aristandro: no mesmo mês em que a lua aparecesse eclipsada haveria batalha e vitória para Alexandre. Um diário astronômico babilônico registra um eclipse lunar e, onze dias depois, a batalha; daí os estudiosos tiram a data de 1º de outubro de 331, que este fascículo segue como dado corrente. Em julho de 330, perseguido, Dario foi ferido pelos próprios sátrapas, que o deixaram num carro coberto, e "morre pouco depois dos ferimentos, antes de ser visto por Alexandre".[4]

Em números

3 anos e meio

do Helesponto, na primavera de 334, a Gaugamela, em outubro de 331: o tempo que o bode levou para derrubar o império que Ciro fundara em 550

Na caça a Dario, Alexandre fez desmontar quinhentos cavaleiros e pôs nos cavalos os melhores infantes; começou a marcha ao entardecer, ia à frente "correndo" e, tendo percorrido durante a noite "cerca de quatrocentos estádios", ao amanhecer alcançou os fugitivos. Quatrocentos estádios são uns 70 quilômetros. Arriano, no fim do livro, resume o homem numa frase que serve de comentário a "não tocava a terra": ele não teria ficado quieto em nada do que já tinha conquistado, "mas buscaria sempre algo além do desconhecido, e, se não com outro, ao menos competindo consigo mesmo".[5]



Milhares de soldados se chocam numa planície, sob um céu em que o sol e a lua parecem lutar; no alto, uma tabuleta celebra a vitória de Alexandre sobre Dario. O pintor alemão fez de Isso uma batalha cósmica, como a visão de Daniel faz do choque dos impérios um combate de animais. Albrecht Altdorfer, A batalha de Alexandre em Isso, 1529, Alte Pinakothek, Munique (domínio público).

Albrecht Altdorfer, 1529, Alte Pinakothek, Munique (domínio público)

Pisado por terra

O hebraico de Daniel tem um eco que se perde fácil. No versículo 4, do carneiro se diz que "não havia quem livrasse da sua mão". No versículo 7, a mesma frase volta contra ele.



E o vi chegar junto do carneiro; e se enfureceu contra ele, e feriu o carneiro, e quebrou os seus dois chifres. E não havia força no carneiro para ficar de pé diante dele. Lançou-o por terra e o pisoteou, e não havia quem livrasse o carneiro da sua mão.

DANIEL 8:7

Em 330, em Persépolis, os palácios dos reis persas foram incendiados. Arriano dá a versão sóbria: Alexandre os queimou contra o conselho do general Parmênion, que dizia não ser bonito destruir o que já era seu, e alegou querer punir os persas pelo que tinham feito na Grécia, quando arrasaram Atenas e queimaram os templos. E Arriano acrescenta o seu juízo: "a mim também não me parece que Alexandre tenha agido com juízo". Plutarco e Diodoro contam a versão do banquete, em que a cortesã ateniense Taís, embriagada, propõe incendiar "a casa de Xerxes", e o rei vai à frente com coroa e tocha; Plutarco diz que ele se arrependeu logo e mandou apagar. Quinto Cúrcio fecha a cena com uma frase que é o carneiro pisado em imagem: "este fim teve o palácio de todo o Oriente, de onde tantas nações antes pediam leis".[6]

Calvino, ao comentar o versículo, escreveu que se vê "com que propriedade os acontecimentos cumpriram a profecia, do modo registrado por todos os

historiadores profanos". Para um leitor do século XVI, os historiadores de Alexandre e o profeta contavam a mesma história, um antes e os outros depois.

Josefo lê a mesma visão

O primeiro leitor de Daniel 8 que conhecemos por nome é Flávio Josefo, o historiador judeu que escreveu em Roma por volta de 93 e 94 depois de Cristo. Nas *Antiguidades judaicas*, ele parafraseia a visão. Mistura o capítulo 8 com o 10 (põe ali um terremoto e amigos que fogem, que são de 10:7), fala de "muitos chifres" no carneiro e diz que o bode o golpeou "duas vezes", onde Daniel diz "dois chifres". Mas o essencial ele lê como nós: o bode vinha do ocidente "levado pelo ar". Josefo já entende "sem tocar o chão" como velocidade.



> *"O bode mostra que dos gregos haverá um rei que, enfrentando o persa, vencerá duas vezes na batalha e receberá todo o império. [...] Os quatro chifres são os sucessores depois da morte do primeiro rei e a divisão do reino entre eles, não sendo nem filhos dele nem parentes, que governarão a terra habitada por muitos anos."*
>
> Josefo, *Antiguidades judaicas* 10.273-274

"Vencerá duas vezes" talvez pense em Isso e Gaugamela, mas Josefo não nomeia as batalhas. E a observação de que os quatro "não eram nem filhos nem parentes" é exatamente o que os historiadores confirmam. A palavra que ele usa para os sucessores, *diádochoi*, é a mesma com que os historiadores modernos chamam os generais de Alexandre.[7] O que Josefo conta sobre Alexandre e o livro de Daniel em Jerusalém é outra história, e fica para o episódio seguinte.

Um bode para a Macedônia

Os próprios macedônios tinham uma lenda com cabras. Justino, que no fim da Antiguidade resumiu a história do galo-romano Pompeu Trogo, escrita no tempo de Augusto, conta que Carano, o fundador do reino, mandado por um oráculo buscar sede na Macedônia, seguiu "um rebanho de cabras que fugia da chuva" e ocupou a cidade de Edessa sem que os habitantes percebessem, por causa da chuva e da névoa. Lembrando o oráculo que lhe mandara buscar o império "com cabras por guias", fixou ali a sede do reino, passou a levar as mesmas cabras à frente das insígnias do exército e chamou a cidade de Egas, do grego *aix*, *aigos*, "cabra".

A lenda é tardia e explica um nome de cidade; que um judeu da Babilônia ou de Jerusalém a conhecesse, ninguém pode provar, e nenhum leitor antigo de Daniel, nem Josefo, ligou o bode a ela. Mas é um fato curioso que os macedônios contassem que o seu reino nascera seguindo cabras.[8]

---

1. Daniel 8:5-6, no hebraico da WLC e da Sefaria; nas duas formas gregas da edição de Rahlfs: a antiga (OG) traz ἀπὸ δυσμῶν e κέρας ἕν, Teodocião ἀπὸ λιβός e κέρας θεωρητόν. Rashi e Ibn Ezra sobre Daniel 8:5, na Sefaria. João Calvino, *Preleções sobre Daniel* (1561), sobre 8:5, na tradução inglesa de T. Myers (1852-1853), CCEL.

2. Arriano, *Anábase* 1.11.3; Diodoro 17.17.2, no grego da PerseusDL. Calvino, *Preleções sobre Daniel*, sobre 8:5.

3. Arriano 1.15.8 e 1.16.4 (Grânico); 2.3.6-8 (Górdio). O mês do Grânico, maio ou junho de 334, é dado corrente; Arriano não o dá.

4. Arriano 2.11.4 e 2.11.9 (Isso, em novembro de 333, dado corrente); 3.15.7 (Gaugamela); 3.21.10 (morte de Dario). A data de 1º de outubro de 331 vem do diário astronômico babilônico (Sachs e Hunger, diário −330), conhecido por estudos, sem leitura da tabuinha.

5. Arriano 3.21.7-9 e 7.1.4. O estádio media entre 177 e 185 metros; a conta é aproximada.

6. Arriano 3.18.11-12; Plutarco, *Alexandre* 38.1-4, no grego de B. Perrin (PerseusDL); Diodoro 17.72.6; Quinto Cúrcio, *História de Alexandre* 5.7.5 e 5.7.8, no latim de Hedicke (PerseusDL). Calvino, *Preleções sobre Daniel*, sobre 8:7.

7. Josefo, *Antiguidades judaicas* 10.269-270 e 10.273-274, no grego de B. Niese (PerseusDL). Em português: *História dos Hebreus* (CPAD). A lenda de Alexandre em Jerusalém (*Antiguidades*

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S04-001

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *O chifre quebrado*. O fascículo inteiro tem 60 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender